

**“EXISTE É O HOMEM HUMANO. TRAVESSIA”. UMA ANÁLISE FILOSÓFICA
EXISTENCIAL DE KIERKEGAARD EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS¹**

Selma Leite Galindo da Silva

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de angústia de Kierkegaard a partir do personagem Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*. A angústia é uma qualificação do espírito que sonha; sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, porém este nada perturba o homem que, na inocência, vê-se continuamente fora dela. A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Diz Kierkegaard que o desejo desperta a proibição e esta gera angústia. Porém, a ameaça do castigo desperta uma representação assustadora, ou seja, a consequência. Assim, nesta análise filosófica é relevante observar a identificação do existencialismo na obra, bem como identificar o conceito de angústia no personagem Riobaldo, nele o sofrimento do ser humano perante os desejos, suas angústias, seus sonhos, medos, a necessidade de entender sua culpa e as consequências de suas escolhas. O amor infeliz por Diadorim, o desejo despertado pela concupiscência, a tentação da possibilidade e a superação no encontro com a paz no estágio religioso. Um vasto campo do existencialismo é identificado em *Grande Sertão: Veredas*: o conflito interior, angústias, bem e mal, Deus e o Diabo, fé, desejos, culpa e pecado. O humano é ser no mundo, e o que existe é o homem humano.

Palavras-chave: Angústia; pecado; travessia; possibilidade; existencialismo; culpa.

Introdução

O homem é a soma de sua existência, da sua trajetória, do seu caminhar, a travessia. Há uma dor que se faz presente e que por muitas vezes nos persegue durante a vida. Suportar as dúvidas que nos acometem, as incertezas e suas lacunas são as bases de busca por respostas no abismo de si. Assim seguimos sendo e existindo entre vontades, possibilidades e certezas frágeis. No embate entre o que se deseja no fundo da alma e o que prevalece no real, existe uma lacuna. É uma dor latente na possibilidade da possibilidade. Esta dor gerada pela ansiedade, por aquilo que

¹ O presente artigo aborda o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Souza Aguiar.

se projeta sem conhecer exatamente a razão, e o instante de pensar e sofrer pelo que se deseja, no querer ou no imaginar, é a maior das dores humanas, é a dor da alma, a angústia. Esta é a base das investigações de Søren Aabye Kierkegaard, que será analisada neste artigo sob a ótica do personagem Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*.

A angústia é uma qualificação do espírito que sonha, sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, porém este nada perturba o homem que, na inocência, vê-se continuamente fora dela. A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Diz Kierkegaard que o desejo desperta a proibição, e esta gera angústia. Porém, a ameaça do castigo desperta uma representação assustadora, ou seja, a consequência.

Assim, nesta análise filosófica é relevante observar a identificação do existencialismo na obra, corrente da filosofia que coloca o homem no centro da discussão e vai além, coloca o interior do homem nesta busca por respostas, bem como identificar o conceito de angústia no personagem Riobaldo, nele o sofrimento do ser humano é perene, seus desejos, angústias, sonhos, medos, a necessidade de entender sua culpa, assim como as consequências diante de suas escolhas. O amor infeliz por Diadorim, o desejo despertado pela concupiscência, a tentação da possibilidade e a superação no encontro com a paz no estágio religioso é um vasto campo do existencialismo, identificado em *Grande Sertão: Veredas*, o conflito interior, as angústias, bem e mal, Deus e o Diabo, fé, desejos, culpa e pecado. O humano é ser no mundo, e o que existe é o homem humano. A identificação do conceito em uma obra prima da literatura brasileira, *Grande Sertão: Veredas*, escrita por João Guimarães Rosa é uma audácia filosófica, um desafio de buscar nas várias possibilidades e linguagens os conceitos de um grande pensador, Søren Aabye Kierkegaard.

Na obra, a busca de viver algo que não se consegue no campo da realidade vivida, a imersão na angústia de não encontrar saídas e a concepção de que mesmo sonhando ou imaginando comete-se algo condenável, que nos martiriza neste processo da possibilidade, é o que marca esta narrativa, mas que é presente na vida de qualquer ser no mundo. A alma presa, grita para libertar-se, porém é abafada pelas circunstâncias impostas. A culpa que se cultiva nesta possibilidade possível, acompanha-nos na Travessia, revela-se neste caminho e vida, como bem destaca João Guimarães Rosa.

Dessa forma, fica estabelecido os aspectos filosóficos e a literatura, campos que se intercalam e argumentam entre si, o conceito de angústia com a angústia sofrida pelo personagem Riobaldo, conseqüentemente a análise da existência e sua dimensão em *Grande Sertão: Veredas*. De acordo com a insistência de Kierkegaard em analisar a fenomenologia e as tentativas de pensar o homem como algo determinado pela história, pelo tempo e sua configuração como algo não determinado, o homem precisa ser observado nas suas particularidades, na essência própria de cada um, sendo ele um universo à parte com todas as suas dimensões.

Os aspectos que promovem a reflexão neste artigo são o cruzamento das dores de Riobaldo que nos remetem às nossas dores pessoais, as dúvidas que ele narra em situações e a ponte que emerge ao conceito do filósofo dinamarquês, Kierkegaard. O universo de Guimarães Rosa percorre a Filosofia, no que concerne à corrente existencialista e toda sua dimensão filosófica. A carga de pesquisa adentra a narração das Veredas implícitas ao homem, sua condição de viver em combate interno seja por suas angústias, suas dores, seus desejos ou alegrias. A linguagem também concebe uma práxis, onde o autor pelas palavras construídas, universaliza um mundo particular, mas com correspondência de quem lê, ora nos personagens, ora na dimensão ontológica ou na antropologia, ora na dimensão metafísica.

Nesse sentido, o problema de pesquisa é determinar qual é a culpa real de Riobaldo, ou quais são as nossas culpas quando pensamos, imaginamos ou sonhamos? Por que a leitura humana é sempre de culpar-se por desejar, por inebriar-se nas possibilidades existentes nas possibilidades? Somos capazes de entender esta angústia ou a insatisfação que não se codifica e não se localiza? Qual o peso que a questão da moral religiosa tem sobre o homem?

O que existe é o homem determinado na história, no mundo, nos códigos morais? Ou o que nos define são os instrumentos sociais determinados? A vida é uma certeza já conhecida, ou somos seres que evoluem individualmente conforme ela, a vida, se apresenta?

O método utilizado para responder estas perguntas e construir este artigo é a pesquisa bibliográfica, fonte e instrumento de análise, pautando o conceito filosófico com a obra literária do demiurgo do sertão brasileiro. As pistas surgem dentro do próprio diálogo entre Riobaldo e o leitor. A busca de pistas filosóficas na literatura é uma proposta de olhar abrangente nas diferentes

formas de filosofar, considerando os domínios possíveis e respeitando as determinações exigidas nesta análise.

Assim, de início, a pergunta abrangente de Riobaldo na obra nos interpela, conforme podemos ver na seguinte frase em *Grande Sertão: Veredas*:

De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?!
Me franzi. Ele tinha culpa? Eu tinha culpa? Eu era o chefe. O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... Aquilo eu repeli? (ROSA, 2018, p. 495).

A culpa neste momento é uma pergunta sem resposta, a narrativa de Riobaldo fica no campo da possibilidade, e a angústia está presente. Ele é o espírito que sonha, a angústia é a possibilidade que aparece como possibilidade no amor que sente, e isto ele repele ao mesmo tempo. A dúvida persiste em toda obra, assim como persiste em nós, nos vários momentos da vida.

Como não considerar o individual, o ser na sua intrínseca capacidade de viver e ser o que vive, como não considerar suas singularidades e buscar enquadrar o movimento da vida em algo determinado no tempo, em projeções estabelecidas por consciência histórica?

Kierkegaard foi um estudioso do sistema filosófico de Hegel, tornando-se seu crítico. Segundo Kierkegaard, o sistema centrava demais no conceito e na abstração, no Espírito Absoluto (consciência histórica que se desdobrava no tempo e o indivíduo pertence a este movimento). Para o filósofo dinamarquês, o conceito deixou de considerar o principal: a realidade singular, ou seja, o mundo particular de cada indivíduo, a existência.

Kierkegaard contrapõe o Espírito subjetivo de Hegel na Fenomenologia

A subjetividade humana esbarra na metodologia construída por Hegel, segundo Kierkegaard. Ele percebe que cada problema científico tem seu lugar determinado para estudo. No caso do sistema hegeliano, o espírito absoluto não explica os problemas singulares, problemas que

não são vislumbrados em campos específicos da lógica, da ética ou da dogmática (fé), mas sim dentro de uma intuição intelectual. O homem de espírito parece já ter em si as respostas a todos os enigmas, sem responder as subjetividades. Para Kierkegaard, a filosofia como trabalho intelectual que torna a virtude humana em paradigma não tem relevância comparada a dependência humana de Deus. As decisões humanas, suas possibilidades e relações estão sempre dentro de uma dicotomia, já que a lógica religiosa cristã o impede de conceber algo que possa levá-lo à perda da graça, ou a suposta condenação do espírito, por meio do pecado ou por ceder as tentações reprimidas no pensamento.

A virtude ética e cristã é base também para o julgamento dos homens dentro da estrutura social vigente. A fé cristã, mantenedora de uma paixão inexplicável, sem comprovações empíricas e contando sempre com ela, deixa no ar perguntas que são importantes, confundem e obstruem a compreensão da angústia humana, para reprimir qualquer tentativa de liberdade de desejos. A filosofia dentro dos seus limites é fundamental para determinar a questão do ser, mas deve levar em conta as subjetividades da existência. O filósofo defendia que qualquer sistema próprio de conceito é um no meio de muitos, conforme a indicação de Marilena Chaui: “qualquer esquema particular de conceitos constitui apenas uma possibilidade entre outras, cuja concretização não depende dos próprios conceitos individuais, mas do indivíduo” (CHAUI, 1979, p. 10).

Assim, não existiria qualquer razão de ordem lógica que pudesse obrigar o homem a uma outra maneira de viver, pois a existência humana não é dada, não é determinada, não pode ser pré-estabelecida. Sendo assim, a ética não dá resposta ao problema da angústia humana, nela cabe a lógica, que não especula, ou é ou não é, nenhum movimento deverá vir a ser. Todo o lógico apenas é. Para o sujeito é oferecido os seus desejos — que ele, portanto, não controla nem pensa, na maior parte das vezes, poder controlar —, mas não os meios para realizá-los, de tal modo que o sujeito é movido por desejos que não escolheu na busca de meios relativamente aos quais se encontra na indeterminação: “sabe”, mas busca o meio para conseguir.

Desejo e vontade se entrelaçam no interior do indivíduo, a vontade deseja algo; a inteligência, tendo em conta o desejo desse bem, delibera acerca de como conquistá-lo. Até então

não há divergência, o problema é no terceiro ponto da questão, a “escolha”. O indivíduo passa a ter que levar em conta outros campos e pensar nas consequências dessa escolha.

Para Kierkegaard o conceito hegeliano levava a uma abstração total, uma consciência histórica que se desdobra no tempo levando o homem a agir neste contexto, assim o argumento se perde, porque deixa de considerar o principal para a Filosofia: a existência, o indivíduo, ou seja, a realidade singular.

O essencial da conduta de um homem é a decisão. O homem nasce em meio à massa, cabe a ele escolher permanecer nela ou buscar sua autenticidade. A autenticidade é a subjetividade de cada indivíduo, nela há decisão de aceitar quem se é, há uma singularidade que Hegel não considera em seu conceito. Kierkegaard abre caminho para a interioridade, o pessoal na angústia do indivíduo, seus tormentos.

Neste desnudamento da alma individual, em Kierkegaard a filosofia não se separa do drama da existência. Há uma necessidade de identificar valores mais fortes do que simplesmente racionais, e de encontrar na filosofia, não sistemas organizados e aplicáveis, mas identificar a luta interna, de si próprio para reconhecimento da verdade. A inquietação é o verdadeiro comportamento para a vida, para a nossa realidade pessoal e por conseguinte, ela representa para o cristão a seriedade por excelência. Para o filósofo, o homem não nasce pronto, mas se constitui neste espaço de tempo, no transcorrer da existência.

Conceito de angústia, sua origem e a culpa

“Existe é o homem humano”, uma frase que remonta a reflexão da existência como ponto de imersão no pensamento e conceitos do filósofo dinamarquês que buscou uma resposta a algo que não tinha resposta em nenhum campo da ciência, mas que aflige e atormenta o homem até os dias de hoje: a angústia. Condição que causa conflito interno, dor e dúvidas. A dor que não é física, mas é a mais humana das dores.

O filósofo dinamarquês responde, de fato, a uma necessidade da nossa época, que vai além da religião, de respostas prontas e organizadas, ou até esperadas. Seu conceito não apresenta uma solução, mas um aprofundamento do drama essencial da filosofia, do drama da existência e de todos os “como” e “porquês” que lhe estão ligados, um combate interno, que passa pelos estágios estéticos, moral e religioso. Para ele, a fé não é uma posição que depois de conquistada é invulnerável, mas possui-la supõe um combate ininterrupto, constante e repetitivo. Esta repetição consiste, por assim dizer, na conquista da eternidade no momento presente, na integração do eterno no tempo, mas em um tempo que, se é lícito exprimir-me assim, perderia por isso mesmo a temporalidade. A fé não consiste na conquista de uma outra vida, mas, principalmente, na imortalização “desde” a vida mortal. No esforço por respostas, Kierkegaard aborda o caminho do homem na busca pela edificação (um pretense heroísmo sublime), e a conquista de uma eternidade, pela fé cristã:

Nem todo aquele que tem as costas encurvadas é por isso um Atlas, ou se tornou um por carregar um mundo; nem todo o que diz: Senhor! Senhor!, entra só por isso no reino dos céus; nem todo o que se oferece como fiador de toda a sua época prova, com isso, que é uma pessoa de confiança capaz de avalizar por si mesmo; nem todo o que exclama: Bravo, schwere Noth, Gottsblitz bravissimo, já compreendeu, só por isso, a si mesmo e sua admiração. (KIERKEGAARD, 2010, p. 45).

Ademais, afirma que a fé é conquistada quando o eu mergulha através da sua própria transparência até ao “poder que o criou”. É com estas palavras que ele conclui *O desespero humano* e nelas está encerrado o sentido essencial da sua obra. Por isso mesmo, ele afirmou que o “cristianismo do Novo Testamento não existe”, o que significa que os homens não vivem o cristianismo, mas permanecem exteriores a ele. Neste contexto, a inquietação no homem é o verdadeiro comportamento que edifica e não o combate. O desespero é a discordância interna, uma síntese que diz respeito a si própria. Mas a síntese não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou tampouco a implica. Do contrário, não haveria sombra de desespero, e desesperar não seria mais do que uma característica humana, inerente à nossa natureza, ou seja, o desespero

não existiria, sendo apenas um acidente para o homem, um sofrimento como uma doença em que se mergulhasse, ou, como a morte, nosso comum destino.

Assim, ao analisar, vemos que não há um fechamento para incluir a angústia como lugar de solução e sim para analisar que é justamente no campo do dogma que advém a raiz de um problema humano. Kierkegaard vai indicar a dialética cristã como precursora no papel de acusador, através da pecaminosidade, a entrada do pecado por Adão (primeiro homem) e a perda da inocência pela queda, e a partir daí a humanidade irá seguir o *Vitium originis*, e o pecado passa a ser de tal forma a substância do homem.

Todavia, ao explicar Adão e sua queda de forma fantasiosa, a dogmática cai em contradição, já que Adão não passa pela redenção, como os humanos salvos do primeiro pecado por Cristo. Nada se explica, pois Adão é o primeiro homem a pecar, não se pode explicar Adão. No máximo podemos explicar o pecado, mas não se explica Adão: “O fantástico está em que Adão goza da honra bem-intencionada de ser superior a toda a humanidade ou da duvidosa honra de estar fora do gênero humano” (KIERKEGAARD, 2013, p. 31).

Adão é o primeiro homem, ele é ele mesmo e o gênero humano. O centro da proposta do filósofo é olhar o homem como *individuum*, sua subjetividade, ou seja, ele mesmo e todo o gênero humano. As narrativas cristãs, ou a mensagem passada em púlpitos religiosos são impessoais, os sistemas propostos são para o público, para a multidão, como afirma Kierkegaard, mas deve comprometer-se se possível com todos, mas sempre individualmente, com cada indivíduo. O sistema separa Deus do homem e este busca na sociedade, ou nas igrejas, ou em grupos a verdade que está dentro dele e que lhe aflige, a angústia.

Toda essa análise serve para mostrar que o conceito apresentado por Kierkegaard ressalta a responsabilidade do Sistema no que toca ao mais importante e que é deixado de lado, o indivíduo e suas subjetividades. Assim, ele estabelece a tarefa de tratar o conceito de “angústia” de um ponto de vista psicológico, aqui definido como filosofia do espírito subjetivo, de modo a ter em mente e diante dos olhos o dogma do pecado hereditário, que neste sentido, tem a ver com o conceito de pecado. Este tem seu lugar determinado, ou melhor, não ocupa lugar algum, e é isto justamente a sua determinação. Quando ele é tratado fora de seu lugar próprio, fica adulterado, pode ser tratado

em uma atmosfera de leviandade ou de melancolia, sendo que a atmosfera adequada a ser investigada é a seriedade.

Por vezes, o pecado é retratado cômica ou tragicamente, ou ainda na metafísica, como algo que está na atmosfera da equidade e do desinteresse dialético, ou seja, aquilo que não consegue opor resistência ao pensamento. A rigor, o pecado não tem seu lugar em nenhuma ciência. O arrependimento e a culpa são cargas pesadas na consciência humana.

Em sua narrativa a partir de Gênesis, diz que ao comer do fruto do conhecimento, introduziu-se a diferença entre bem e mal, mas também a diversidade sexual enquanto instinto (pulsão). De que modo se deu isso, nenhuma ciência consegue explicar. A Psicologia é a que chega mais perto, e explica a última aproximação, a possibilidade da liberdade na angústia da possibilidade, ou, no nada da possibilidade, ou no nada da angústia. A angústia não o coloca na realidade de executar, mas indica uma possibilidade, um instante que pode ser não é real, mas deixa a dúvida de um salto, ou de um pecar em um instante. A dúvida da possibilidade do pode ser e não é. Nenhum modelo universal pode submeter a natureza dos atos individuais aos universais, ou classificá-los como egoísticos (que leva ao egoísmo). Ele diz que esse é o prodígio da vida, que qualquer ser humano que presta atenção a si mesmo sabe o que nenhuma ciência sabe, dado que ele sabe quem ele mesmo é, e isso é o que há de profundo na sentença grega “Conhece-te a ti mesmo”, que já há muito tempo tem sido compreendida à maneira alemã, relacionada à autoconsciência pura, a quimera do idealismo.

A angústia é o estado psicológico que antecede ao pecado, dele se acerca tanto quanto possível, tão angustiante quanto possível, sem, contudo, explicar o pecado que apenas surge no salto qualitativo. O pecado é a corrupção da alma humana, ou estado de imperfeição. Com o pecado de Adão a pecaminosidade entrou no mundo. Sobre esta base, aquela angústia encontrou duas analogias: a angústia objetiva na natureza e a angústia subjetiva no indivíduo. Esta última contém um mais e a primeira, um menos, com respeito à angústia de Adão. Quanto mais reflexivamente se ousa pôr a angústia, tanto mais facilmente poderia parecer que se consegue convertê-la em culpa.

A relação da liberdade para com a culpa é angústia, porque ambas ainda são possibilidades. Mas à medida que a liberdade fixa seu olhar sobre si mesma com toda a sua paixão, e quer manter a culpa afastada de si, que não sobre nem um resquício de liberdade, não consegue evitar o olhar na culpa. Essa é a fixação ambígua da angústia, assim como a renúncia no interior da possibilidade é um desejo.

Assim, a culpa é uma representação mais concreta, que se torna, na relação da possibilidade para com a liberdade, cada vez mais possível. É como se a culpa do mundo todo se reunisse para torná-lo culpado e, o que dá no mesmo, como se, tornando-se culpado, fosse culpado da culpa do mundo todo. Pois, a culpa tem a característica dialética de não se deixar transferir; mas aquele que se torna culpado se torna também culpado por aquilo que ocasionou a culpa, pois a culpa jamais tem como causa próxima algo de exterior; e aquele que cai na tentação, é culpado ele mesmo dessa tentação.

O conceito de angústia e o *Grande Sertão: Veredas*: o existencialismo na obra

A palavra “angústia” tem sua origem no grego *ἀνγος* [angor], que no latim derivou *angustus* que, por sua vez, significa “estreitamento”. O verbo latino *angere*, que denota uma ideia de aperto e constrangimento, compartilha do prefixo *ang* — estreitar, oprimir, apertar a garganta. A importância de entender a etimologia da palavra nos ajuda a entender como Kierkegaard identifica este sentimento humano individual, presente e desafiador. Assim, a palavra “angústia” não nos leva, em absoluto, a pensar numa importância sistêmica, mas na interioridade da existência.

O homem e a possibilidade, a relação da liberdade para com a culpa é angústia, porque a liberdade e a culpa ainda são possibilidades. Nisso a obra *Grande Sertão: Veredas* se traduz.

Na dimensão literária, João Guimarães Rosa foi extraordinário, um autor que captou o ser individualmente, com seu universo, suas singularidades e suas subjetividades: o homem intelectual e religioso, amante da vida e capaz de traduzir o interior da alma humana, simples e complexa na sua existência. Em todas suas obras é clara a presença do existencialismo, seja nos contos de *Sagarana* ou no monólogo confesso de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*.

Neste paralelo entre o conceito de angústia e a narrativa da obra há identificações. A obra apresenta características do conceito de angústia em todo o universo narrado dos personagens. O texto inicia com a seguinte frase: “Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja”. Nela, a expressão marcante do estilo Rosiano, a existência nua e crua, situações de conflito, angústias e desejos que fazem parte do martírio de cada personagem em toda obra, assim como a identificação com a terra, a religiosidade marcada pela força, a natureza e a profundidade de pertença do ser com seu meio natural.

Na obra, Rosa destaca as singularidades do homem, suas angústias e define que toda a linguagem será única, fazendo do leitor um participante no contexto e no tempo. Cada universo pessoal está em destaque, com efeito e marcado pela travessia. Como bem Kierkegaard destacou, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psicologicamente em unidade imediata com sua naturalidade, sua aproximação consigo mesmo, a busca em si. Nesse sentido, com Rosa vemos que: “quem muito se evita, se convive” (ROSA, 2018, p. 8).

As pistas filosóficas do conceito são identificadas em várias partes da obra, em vários personagens, e especialmente em Riobaldo, que é o foco desta pesquisa. O conceito de angústia está presente na dúvida, no desejo, no amor, na fé, na potencialidade da morte e no ódio. Personagens com traços fortes, vidas profundas e inquietantes: Diadorim, Joca Ramiro, Zé Bebelo, Medeiro Vaz, Otacília e Hermógenes. Neste cenário do sertão, Guimarães Rosa coloca a narrativa dura de quem nela coloca suas vistas, nas páginas da obra, um primeiro exemplo da marca existencialista: “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem...Com isso minha fama clarêia? Remei vida solta” (ROSA, 2018, p. 3).

Riobaldo coloca nesta frase o selo da sua maturidade nos dias que presenciou a dura batalha da vida, suas angústias, suas escolhas e suas consequências. Nem melhor e nem pior, carrega o peso do que escolheu e se joga para o infinito. Fica evidente a angústia presente, como com o “Eu lembro das coisas, antes delas acontecerem...”. A angústia é a antecipação, é o que pode ser a vir ser, a possibilidade. Nas palavras de Kierkegaard: “Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude” (KIERKEGAARD, 2013, p. 162).

A leitura existencialista das personagens na obra abre espaço para a análise das características filosóficas. A metafísica pessoal Rosiana estará presente na filosofia de vida de Riobaldo, seu amor marginal em pecado e sua potência no decidir das veredas. Søren Kierkegaard busca no conceito de angústia, desvendar a condição do indivíduo sofrer por algo que não está em nenhum campo científico e que lhe falta espaço de explicação teológica. Toda sua leitura passa pelo indivíduo, pelo ego (eu mesmo), pelo particular, essa busca gera o confronto com a ideia de que o universal esteja posto no particular, no salto ou seja, o tempo no instante da possibilidade.

Para a nossa imaginação, a sucessão infinita do tempo é um presente infinitamente vazio. O Presente não é, entretanto, um conceito de tempo, a não ser justamente com algo infinitamente vazio de conteúdo, o que, por sua vez, corresponde ao desaparecer infinito.

O tempo é, portanto, a sucessão infinita; a vida que apenas está no tempo e só pertence ao tempo não tem nenhum presente. A importância de se compreender este paradigma define o que Kierkegaard vai apontar como o salto: o instante é a possibilidade, não está no tempo determinado pela Lógica e nem da determinação de tempo, presente, passado ou futuro. Nisto temos o determinante que gera a angústia. É no salto qualitativo, no repouso da alma, no estágio de encontro com o Criador, que o indivíduo encontra a paz.

Fica evidente na obra, que as veredas são também construídas pelos instantes ou pelas possibilidades. O indivíduo na angústia objetiva, diante da iminência da possibilidade ele pode ser culpado ou inocente, mas exatamente pela possibilidade já se sente culpado. Podemos ver este embate na obra de Guimarães com a seguinte passagem:

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente - o que produz os ventos. Só se pode viver perto do outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe (ROSA, 2018, p. 311).

Analisando sob a dialética kierkegaardiana, identificamos este embate de Riobaldo, a alma que sofre, o sentir que leva a dor e a incompreensão. A imposição das situações, a angústia, um descanso na loucura, um repouso. Culpado e inocente já não importa, Deus irá julgá-lo.

Na obra literária, Guimarães Rosa explora a angústia existencial com maestria, cada colocação dentro de uma linguagem viva e transcendente (metafísica própria) original e permitida dentro da proposta escrita, a confissão de Riobaldo é rica em perturbações, conflitos e religiosidade.

As diferentes travessias em *Grande Sertão: Veredas*

Travessia significa ato ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar etc.; travessa, longo trecho de caminho; desabitado na etimologia, derivado de “travesso” mais o sufixo “ia”. Mas, a travessia que Guimarães Rosa traz é o meio, trecho que encerra a obra *Grande Sertão: Veredas*. O real não se apresenta nem no início e nem no fim, mas no meio. Este caminho que é a vida e suas subjetividades, é sua interioridade que move e determina a travessia, este individual que encontramos em Kierkegaard. A vida, o movimento entre o início e o fim. Na obra, o traço da individualidade é forte e sistemático. Nos paredões dos Gerais e no meio dos buritis, a agrura dos caminhos; ora tortuosos, ora belos, ora incompreendidos. As marcas da natureza humana são descritas pelo sofrimento, angústias, desesperos, incertezas e mortes.

Há uma ordem no mundo, mas há um gira mundo diferente na narrativa do protagonista. Guimarães Rosa explora isso nas travessias do *Grande Sertão: Veredas*. Nas primeiras páginas, a identificação dos Gerais: eles são sem tamanho, terras altas, Buritis, Urucuiá e vastidão de terra, os gerais correm em volta. Esses gerais são sem tamanho. As travessias se dão nestes gerais, neste conjunto de sonhos, angústias, realidades e enganos. A guerra dos homens contra os homens, Deus esteja. A fé e sua determinação em cunhar os jagunços nas veredas. É narrada a história da terra, das campinas, dos bichos e dos pássaros, as chapadas e os caminhos, a pobreza, suas mulheres e seus homens. Os jagunços e seus códigos, tudo é movimento, tudo compõe a travessia. Capim, cavalo e sangue, são as muitas desventuras no livro.

Grande Sertão: Veredas apresenta uma metafísica própria e viva, um desvelar dos homens e a mística dos lugares onde passa a história. A religiosidade presente nas perguntas entre a existência do demônio e a presença de Deus no meio da angústia pessoal de Riobaldo, a insistência em saber se havia resposta para o pacto que se pensou ter feito e se o bem ou o mal é motivo de desculpa para quem vive na jagunçada e o destino certo e não previsível de dores.

A poesia das palavras tem impacto filosófico, metafísico e destaca-se em toda a obra *Grande Sertão: Veredas*. Nessa busca de construção da história, Guimarães Rosa também apresenta a religiosidade enquanto caminho, seja para dúvidas ou para consolo do personagem, neste momento Rosa e Kierkegaard também se aproximam na análise. O autor recorre a Deus e ao Diabo para identificar o caminho tortuoso e angustiante de Riobaldo, há identificação no sagrado, no limite da dúvida entre ter feito o pacto e ao mesmo tempo querer não ter feito, o bem e o mal na sua leitura é quase uma oração: “É preciso de Deus existir na gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa — uma só, diversa para cada um — que Deus está esperando que esse faça” (ROSA, 2018, p. 132).

Para Kierkegaard, a existência de Deus está no interior do homem, na sua interioridade: “A ideia de uma existência de Deus tem, logo que é colocada como tal para a liberdade do indivíduo, uma onipresença que, mesmo que não se queira agir mal, para a individualidade delicada tem alguma coisa de constrangedora” (KIERKEGAARD, 2013, p. 146).

A travessia se dá com a marca humana da coragem de viver entre as angústias, as armadilhas do instante, da possibilidade e do que configura a fé. A sensualidade no homem, sua relação com ela e a permanente intenção de perdição; o ato, o pecado, e com isso a visão da culpa, do julgamento e condenação.

A obra apresenta questionamentos sobre causas e efeitos; e sobre as questões primeiras, corrigindo uma visão maniqueísta do mundo. O personagem Riobaldo fala e interpela o ouvinte, mas sem deixar o julgamento acontecer. Ele é réu e juiz de si mesmo. Rosa diz que o Sertão é o mundo e coloca o cenário da obra como chão para o pensar filosófico da narrativa. A visão é da tristeza e como ela atua na confissão de Riobaldo, nela o romantismo é lamento, no centro o amor infeliz, as dúvidas e a angústia diante das suas escolhas.

Riobaldo e Diadorim, o amor proibido, a culpa e a angústia

O ponto central de *Grande Sertão: Veredas* é o amor proibido de Riobaldo por Diadorim, um amor impossível aos olhos dele e do mundo, pelas circunstâncias apresentadas até o desfecho da narração confessional.

O sofrimento está presente na travessia, como angústia, a possibilidade e o que se apresenta como verdade para Riobaldo, ser culpado antes de ser. Ele é identificado no conceito de Kierkegaard, como o espírito que está sonhando no homem. Vemos isso no trecho a seguir: “Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos — tudo corre e chega tão ligeiro —; será que há lume de responsabilidades? Se sonha; já se fez...” (ROSA, 2018, p. 25).

A realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, ou seja, a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. O amor proibido é sentido por muitos no cotidiano de Riobaldo, mas ninguém se atreve a melindrar, sabem que a violência da resposta é certa.

No Sertão, o que vinga é o Patriarcado, o código ético e suas configurações sociais. Pensar em um amor entre homens é impossível, é inconcebível. Todo enredo é dentro das intensidades do sentir de Riobaldo e de Diadorim, as condições de viver um próximo ao outro com limites e olhares, a tentação do sentir, do toque, muito próximo. O que desencadeia é uma tentativa de a alma encontrar seu desejo, sua alegria, seu repouso. Vemos a sensualidade do desejo de Riobaldo emergir no desejo não praticado, mas que é intenso e real, tão como o seu sofrimento:

A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmiturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem eu fui, e homem por mulheres! — nunca tive inclinação pra os vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então — o senhor me perguntará — o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durante todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela madame amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um

feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava (ROSA, 2018, p. 146).

O poder da vida, ele diz, é o que aproxima Riobaldo daquele que carrega seu desejo. Diadorim é homem e é mulher, um pássaro de verdes olhos, o canal de possíveis mensagens não codificadas, mas que se conecta enquanto reconhecimento de almas, o amor entre os dois. Em toda a história, Riobaldo busca o olhar de Diadorim, são mensageiros, ele reconhece o ciúme, a dúvida, a perturbação e os desencontros. Mas quem é Diadorim? Diadorim é a neblina de Riobaldo, a neblina é símbolo do indeterminado. Ela é homem, é desejo. Ela ocupa dois espaços na angústia de Riobaldo, no campo da lealdade, como amigo e companheiro, e no coração como seu amor. A mulher Diadorim, é filha de Joca Ramiro, tem consciência do seu amor, ciúmes dos envolvimento de Riobaldo com outras mulheres e de Otacília.

O sofrimento está presente na travessia, como angústia, a possibilidade e o que se apresenta como verdade para Riobaldo, ser culpado antes de ser. Ele é identificado no conceito de Kierkegaard, como o espírito que está sonhando no homem. Vemos isso no trecho a seguir: “Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos — tudo corre e chega tão ligeiro —; será que há lume de responsabilidades? Se sonha; já se fez...” (ROSA, 2018, p. 25).

Assim, toda passagem e parte da travessia são marcadas pelo instante, a possibilidade da possibilidade, o conceito de angústia funciona na narrativa em todos os momentos, seja no meio do amor entre Riobaldo e Diadorim, seja no encontro com o menino Reinaldo, seja no Sertão estrelado e no Urucuiá, seja na dúvida se o Diabo existe, a morte e suas armadilhas, sejam os buritis como testemunhas da angústia constante em entender porque se sente e como se sente. A confissão procura culpa e não acha, é o amor e suas artimanhas, é vida e é contradição. Riobaldo não peca, não dá o salto qualitativo, talvez este tenha sido seu maior remorso. Como Guimarães Rosa diz, “o Sertão é o mundo”.²

Existe é o homem humano

² Dito em uma entrevista de 1965 em Gênova. Cf. LORENZ, Günter W. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). **Guimarães Rosa**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

Vários filósofos por meio de suas teses pensaram o homem como centro em relação ao mundo, no contexto histórico, na relação com o universo, na relação homem e Deus; ou homem enquanto essência, com suas categorias, identificações antropológicas e demais considerações. Pensar o homem na sua fragilidade, enquanto criatura na sua particularidade, somente foi possível na corrente filosófica do existencialismo. As considerações que Kierkegaard desenvolve para poder pensar o homem enquanto “ele”, o ser existente, real e sem determinações lógicas, improvável e indeterminado. Este homem é afetado e afeta o meio, a partir disto ele age e reage, não por meio de métodos ou bases categóricas, mas existindo.

Suas reações dependem da particularidade, cada homem começa do zero, levando em conta o seu tempo, os códigos éticos e sociais de sua época, mas ainda assim, ele é um ser em construção. Afirmar que existe o homem humano nesta pesquisa é mergulhar na proposta da narração confessional de Riobaldo e enxergar o conceito existencial de Kierkegaard, observar a obra e encontrar o vínculo que se faz presente entre o filósofo e o escritor João Guimarães Rosa.

O homem proposto dentro do sistema de Hegel não responde a Kierkegaard, ele é indivíduo com suas angústias e potencialidades, o problema verificado não tem espaço na ética, na religião ou em métodos. Não cabe o humor para tratar a dor humana, necessita de seriedade e considerações individuais. O homem de Guimarães Rosa é autêntico, vive e convive com suas dores humanas, tem capacidade de viver e sobreviver. É este homem que deve ser considerado, o homem humano nas suas falhas, culpas, angústias, desespero, amores, alegrias e vida.

“Como a cada dia basta o seu tormento”, Kierkegaard coloca no centro do conceito o ápice existencial da angústia. Tal tormento e toda sua carga emocional são vividos individualmente; ela, a angústia, encontra-se dentro da subjetividade de cada indivíduo. A angústia é uma qualificação do espírito que sonha. Fazendo a análise que liga o homem humano de Kierkegaard e o homem humano em *Grande Sertão*, mais diretamente em Riobaldo, temos um elo: no conceito de angústia existem as etapas de evolução, sendo os estágios estético, ético e religioso. Os saltos são as ações praticadas, os movimentos pelos quais se alcançam os degraus evolutivos da vida, da existência,

sendo o estágio religioso aquele próprio do repouso da alma, a condição de entendimento do lugar da angústia e sua pacificação no interior do homem.

Assim, durante a narrativa na obra, Riobaldo está na fase ética do conceito de Kierkegaard, salto evolutivo que irá acontecer após a morte de Diadorim, alcançando a fase religiosa, no entendimento da angústia e na paz que encontra na fé. Riobaldo nas veredas tenta compreender o que está no coração, busca da verdade no sentimento que tanto o atordoia, ele e suas dúvidas, a fé e o desejo, a paixão narrada com o sentido de possibilidade, e se... A culpa assume forma na possibilidade, e se... Este instante é a ação que não vem e não virá. Na sua perturbação, o amor cabe, há beleza também na perturbação, como mostra o seguinte trecho de Guimarães Rosa:

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia o rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos — vislumbre meu — que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (ROSA, 2018, p. 495).

Em *Grande Sertão: Veredas*, as possibilidades na angústia são muitas, cada jagunço no seu cavalo, na sua estrada traz consigo o arder da angústia humana, na morte, na guerra, nas desigualdades. Em várias passagens da obra, a narração confessional expõe rostos marcados pela vida, pela travessia individual de cada personagem. A composição humana é elaborada com cuidado por Guimarães Rosa. O perto e o longe, o presente e o futuro se misturam, na inovação da linguagem aplicada, esta ajuda a nos colocar dentro da aflição de Riobaldo, o sentir da gente encontra o sentir de Riobaldo, o tempo todo, em cada parágrafo e em cada palavra de ação do personagem. Podemos acompanhar sua angústia como se fosse nossa, “é o sentir da gente”, como diz Riobaldo.

No desfecho da trama, a dor de Riobaldo é a nossa dor. A perda do amor sofrido, ele era ela e o uivo de Riobaldo ecoa em nós, e se ele tivesse tido a ação dentro da possibilidade, se a sua

alma tivesse captado a verdade e por um instante, tudo aquilo seria anulado? A morte de Diadorim e o momento frente a verdade da sua angústia:

Diadorim – nú de tudo. E ela disse: “A Deus dada. Pobrezinha...” E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo e travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube...Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice d’arma, de coronha... Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era uma mulher como o sol não acende a água do Rio Urucuiá, como eu solucei meu desespero. O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real (ROSA, 2018, p. 599).

Riobaldo diante da morte de Diadorim, enlouquece de desespero, fica ausente dos sentidos, se ausenta da dor pela doença, retirado e cuidado, recobra as forças. No reencontro com Otacília, ela será sua esposa. Já estabelecido, com a tranquilidade encontrada nas rezas, ele abraça a paz. É o salto para o modo de vida religioso, finalmente a angústia encontra o seu lugar, na paz da fé.

Não se sabe por que tudo ficou na angústia, e a culpa agora é por não ter entendido a verdade que se apresentava. Mas como o humano pode ter certeza? É na paz do modo de vida religioso que encontra a paz na angústia, Kierkegaard diz: “Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absoluta e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade e ter a fé” (KIERKEGAARD, 2013, p. 163).

Sendo o indivíduo formado pela angústia para a fé, a angústia então há de erradicar justamente o que ela mesma produz. A angústia descobre o destino, porque encarar a realidade importante não é tão horrível como aquela possibilidade que ele mesmo tinha formado e que gasta toda sua força e energia, ao passo que agora ele pode usar toda a sua força no confronto com a realidade.

Conclusão

O homem humano é o que sente, é aquele que sente a angústia do viver, suas armadilhas e sobrevive. O encontro com sua verdade depende de como ele vai reagir a cada investida da possibilidade, tendo medo do que pode acontecer na decisão de assumir o instante do salto. Riobaldo é o homem humano, narrado pelo conceito de Kierkegaard, é este indivíduo considerado no seu particular que foi proferido pelo Vigilante de Copenhague:

A razão mais profunda de tal impossibilidade está naquilo que é o essencial da existência humana; que o homem é *individuum* e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo o gênero humano (KIERKEGAARD, 2013, p. 30).

Pensar o homem na sua existência é considerar suas particularidades, suas emoções, dúvidas e angústias. A vida que começa com sua naturalidade (inocência) percorre caminhos de absoluta transformação diante das ocorrências evolutivas deste homem. Toda nossa existência passa por escolhas, tentativas e erros. Entre vida e morte, existe o meio, ou a travessia, como Guimarães Rosa bem coloca. Não há como explicar por meio de sistemas predeterminados o que aflige a alma e através de métodos indicar seu tratamento, sua compreensão.

Cada homem tem seu lugar no mundo, cada homem tem sua história, seu início no tempo e no momento da história humana. A lei, a ética e a moral não conduzem a alma humana, não cabe a lógica no instante que a mesma alma decide alçar liberdade em sonho, em possibilidade. O desejo é guardado e no momento de menor vacilo, lá estará. Não importando seus códigos e seus contratos firmados, o inesperado toma conta do ser e, por vezes, não há culpa neste momento.

Conduzir esta análise da angústia em uma obra literária como *Grande Sertão: Veredas* é encontrar em nós, Riobaldo, Diadorim e todo universo do sertão narrado. O drama humano de amores infelizes, pecados não intencionais, busca de Deus nos caminhos para amenizar os conflitos e a busca da paz interior, ou ainda, identificar quais são os demônios internos ou externos que devemos identificar para provar que os mesmos, não existem. A visão de Kierkegaard é libertar o homem deste peso, achar caminho para conduzir as dores humanas e dar dignidade ao seu desespero.

Na obra de Rosa, o centro é Riobaldo, sua confissão e sua luta, nela a proposta é deixar que cada leitor decida qual é a culpa do personagem central e viver o seu drama na ação diante da possibilidade. No sonho de Riobaldo, o desejo por Diadorim, a vontade presente na possibilidade, o amor impossível, a confissão e a passagem dos estágios dentro do conceito de angústia. A importância de compreender a existência individual seja na obra ou no conceito de angústia, mostra que Riobaldo consegue descobrir-se ele mesmo, sujeito de seu destino: “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que digo, se for...existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2018, p. 608).

Este é o homem humano, o homem na sua naturalidade, na sua individualidade, nos Sertões de Grande Veredas, em Riobaldo, pensado por João Guimarães Rosa e desvendado por Søren Aabye Kierkegaard.

Travessia!



Figura 1- João Guimarães Rosa, escritor brasileiro, diplomata, novelista, romancista, contista e médico. Foi o terceiro ocupante da cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 6 de agosto de 1963, na sucessão de João Neves da Fontoura e recebido pelo acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco. Søren Aabye Kierkegaard – Dinamarquês/ Copenhague, foi um filósofo, teólogo, poeta e crítico social dinamarquês, amplamente considerado o primeiro filósofo existencialista. Durante sua carreira ele escreveu textos críticos sobre religião organizada, cristianismo, moralidade, ética, psicologia, e filosofia da religião, mostrando um gosto particular por figuras de linguagem como a metáfora, a ironia e a alegoria.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad.: Edson Bini. 2ª ed. EDIPRO: Bauru – SP, 2007.

CHAUI, Marilena. “Vida e Obra”. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. Coleção “Os Pensadores”. Tradução: Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. Abril Cultural: São Paulo, 1979.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard**. Fonte Editorial: São Paulo, 2009.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): A Ciência da Lógica – volume I**. Tradução Paulo Meneses e José Machado. Loyola: São Paulo, 1995.

JACOBSEN, Adriana. “Narrativa de Guimarães Rosa lembra filosofia de Kierkegaard” – Entrevista com Stefan Kutzenberger. **DW**, 2008. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/narrativa-de-guimar%C3%AAs-rosa-lembra-filosofia-de-kierkegaard/a-3857540/>>. Acesso em: 08/12/2008.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Diário de um sedutor**. Coleção “Os Pensadores”. Tradução: Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. Abril Cultural: São Paulo, 1979.

_____. **O desespero humano**. Coleção “Os Pensadores”. Tradução: Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. Abril Cultural: São Paulo, 1979.

_____. **Temor e tremor**. Coleção “Os Pensadores”. Tradução: Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. Abril Cultural: São Paulo, 1979.

_____. **O desespero humano: doença até a morte**. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. Editora Unesp: São Paulo, 2010.

_____. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica-demonstrativo direcionada ao problema dogmático hereditário**. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Editora Vozes: Petrópolis - RJ, 2013.

KUTZENBERGER, Stefan. **Europa in Grande Sertão: Veredas**. Editora Rodopi: Holanda, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Rosângela Ribeiro dos. **O conceito de angústia na obra homônima de Søren Aabye Kierkegaard**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento: São Paulo – SP, 2010.

SPERBER, Suzi Frankl. **Guimarães Rosa: Signo e Sentimento**. Coleção Ensaios 90. Editora Ática: São Paulo, 1982.